

A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR EM CONFLITOS: o caso de Gaza

Lucas Dias Brito

Sofia Eller Lopes Ferreira

No dia 07 de outubro de 2023, com os ataques do grupo Hamas a Israel e o retorno do conflito na Faixa de Gaza, agravou-se enormemente a crise humanitária na região. Vemos o aumento nos níveis de insegurança alimentar na região seguido ao conflito, ao lado do aumento das restrições do bloqueio de Israel em relação à ajuda humanitária (incluindo denúncias de ataques das Forças de Defesa de Israel atingindo profissionais de organizações humanitárias) (UN PRESS, 2024). Analisamos a seguir se é possível falar em instrumentalização da fome por parte de Israel no conflito contra o Hamas. Em primeiro lugar, traçamos um histórico do uso da fome em conflitos e disputas políticas, para depois analisarmos o caso de Gaza. No fim, discutimos em que medida se pode falar em responsabilização pela fome na região.

A HISTÓRIA DA INSTRUMENTALIZAÇÃO DA FOME EM GUERRAS

O que é Instrumentalização?

O filósofo Andrew Feenberg, ao criar sua Teoria da Instrumentalização, afirmou, resumidamente, instrumentalizar um objeto pode ser entendido como um processo de duas etapas, onde primeiro ele é simplificado e depois recontextualizado para um novo cenário para cumprir novas funções (FEENBERG, 2008).

A noção de *instrumentalização política* é muito mobilizada por diversos estudos para tratar como um fenômeno em uma determinada área, que pode ser ou não causado pelo ator responsável pela instrumentalização, é utilizado intencionalmente como meio ou ferramenta para ganhar vantagens ou alcançar certos objetivos, de natureza política, em outra área. Assim, um ‘objeto’ é requalificado por um operador político e utilizado em um novo contexto para atingir certos objetivos. Neste artigo, tratamos de como operadores políticos utilizam o

objeto ‘fome’, originalmente relacionado a questões distributivas e produtivas socioambientais, em um novo contexto, a guerra.

Um dos primeiros casos registrados de genocídio da História se deu na Antiguidade Clássica, durante a Guerra do Peloponeso, no episódio do cerco de Melos feito por Atenas. Nos estudos das Relações Internacionais, a passagem d’A *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, posteriormente nomeada de Diálogo Mélio, serviu como uma das pedras fundamentais entre os realistas, dada a afirmação dos atenienses aos mélios: “os fortes exercem o poder e os fracos se submetem” (Tuc., H.V.89). Como consequência de resistirem aos atenienses, todos os homens mélios de idade militar foram mortos e as mulheres e crianças escravizadas, quando a cidade-estado capitulou diante de um longo cerco e conspirações internas (Tuc., H.V.116). Após esse episódio, os atenienses repovoaram a ilha com 500 colonos seus, substituindo a antiga população.

FIGURA 2 - Representantes de Atenas e Corinto na Corte do Rei Arquídamo de Esparta, da História da Guerra do Peloponeso por Tucídides



Fonte: Gravura de Hans Schäufelein, de 1533, disponível na coleção do MET (SCHÄUFELEIN, 1533, adaptação nossa)

No entanto, algo não mencionado no texto de Tucídides, mas que logo se tornou infame pela antiga Hélade, foi a chamada “fome mélia”, expressão utilizada pela primeira vez na peça de Aristófanes *As Aves*. Na obra crítica do dramaturgo ateniense, escrita durante o conflito entre os atenienses e espartanos, tal expressão aparece quando o personagem Pistetero conclama os pássaros a dominarem a humanidade e derrubarem o reinado dos deuses através de uma “fome mélia” (CREDO JR, 2020). Tal passagem, e a popularização da

expressão pelos séculos seguintes na região, indicam que um dos elementos mais cruciais e dramáticos do cerco que os atenienses impuseram sobre os mélios foi a fome extrema, mais especificamente o seu uso como ferramenta de guerra contra a população da ilha.

Um dos indícios que esse evento pode nos apontar é que o uso político da fome sempre andou lado a lado à prática da guerra. Em sua obra seminal *Da Guerra*, que objetivava construir uma teoria geral sobre a guerra, Clausewitz ilustra bem como esse uso da fome em sitiamentos era entendido como uma estratégia válida e recorrente em conflitos. Tendo sido um general prussiano que lutou nas Guerras Napoleônicas, Clausewitz traz em seu texto aspectos da guerra que extraiu de sua própria experiência e reflexão.

FIGURA 3 - Cena de Batalha (Waterloo)



Fonte: Pintura de Hippolyte Bellangé, feita entre 1815-66, disponível na coleção do MET (BELLANGÉ, 1815-66, adaptação nossa)

Nos livros VI e VII de seu tratado, respectivamente lidando com as questões particulares tanto da defesa como do ataque, o autor e estrategista descreve o papel instrumental da fome para abalar a defesa de um adversário, principalmente contra posições fortificadas e acampamentos entrincheirados e inexpugnáveis (CLAUSEWITZ, 1989). Segundo o autor, diante de posições cuja invasão é impossível ou muito custosa, o atacante deverá utilizar de meios alternativos para desgastá-la, entre eles, e o exemplo recorrente de Clausewitz, o uso da fome, buscando matar seus habitantes por inanição ou forçá-los a se render antecipadamente por conta dela. A fome aqui, então, surge não apenas como algo que os exércitos devem enfrentar, mas como algo que devem utilizar para ganhar vantagens em certas situações em um conflito, não sendo algo condenável e incogitável na lógica da guerra.

Essa ‘naturalidade’ da instrumentalização da fome em conflitos se mostrou tão generalizada que, no artigo 17 do Código Lieber, seu uso foi permitido para subjugar um adversário beligerante, armado ou não (GESLEY, 2018). Tal código corresponde às Ordens Gerais N°100 promulgadas pelo presidente americano Abraham Lincoln e escritas pelo jurista e veterano Francis Lieber no contexto da Guerra Civil dos EUA. Sendo entendida como uma das primeiras tentativas de se criar uma “lei da guerra”, que serviria de base para esforços posteriores, é grave constatar que até mesmo um documento-chave para a construção do direito internacional humanitário legitime o uso bélico da fome. Apenas décadas depois, com o Protocolo Adicional I às Convenções de Genebra, que houve uma condenação normativa generalizada de tal instrumentalização. Em seu artigo 54, finalmente se tornava proibido submeter à fome uma população civil como uma estratégia de guerra, listando-se também demais ações relacionadas que ficavam proibidas:

“Artigo 54 - Proteção de objetos indispensáveis para a sobrevivência da população civil.

1. **Submeter civis à fome como método de guerra está proibido.**
2. Está proibido atacar, destruir, remover ou tornar inutilizáveis objetos indispensáveis para a sobrevivência da população civil, como alimentos, áreas agricultáveis para a produção de alimentos, plantações, gado, instalações de água e suprimentos e obras de irrigação, com o objetivo específico de negá-los por seu valor de sustento para a população civil ou à parte adversária, quaisquer sejam os motivos, **seja para matar de fome os civis, fazê-los se deslocarem ou por qualquer outro motivo.**” (ICRC, 2010, p. 39, tradução e grifo nossos).

Em suma, fica evidente como a fome sempre foi instrumental no exercício da guerra, tanto a partir de seu registro desde o período Clássico, como também de sua inclusão como parte da estratégia de exércitos modernos, descrita por Clausewitz, e institucionalizada como visto no Código Lieber. No entanto, é preciso observar o *status* dessa prática nos conflitos da história contemporânea, a ver se é algo próprio apenas de um passado longínquo e ‘bárbaro’, anterior ao século XX ou às Convenções de Genebra de 1949 e seus Protocolos Adicionais. É justamente isso que será discutido nas seções a seguir.

FOME E GUERRA NA CONTEMPORANEIDADE

Como visto na seção anterior, até pelo menos a segunda metade do século XIX, o uso da fome como um instrumento de guerra era tão normalizado quanto o próprio uso de armamentos.

A virada para o século XX não mudaria este cenário, com a instrumentalização da fome sendo vista em inúmeros exemplos. Logo no início do século, durante e depois da Primeira Guerra Mundial, a política de deportações dos Jovens Turcos contra os armênios, no período de 1915-1923 e o genocídio que dela se decorreu teve como um de seus principais elementos o uso da fome (SHIRINIAN, 2017). A população armênia não tinha possibilidade de ficar em uma mesma localização por muito tempo, sendo forçada a realizar constantes longas migrações, desprovida de acesso a alimentação durante essas jornadas. Uma testemunha, em uma denúncia feita ao cônsul americano Jesse Jackson sobre o genocídio, declarou que “a administração a quem foi confiado o transporte dessas pessoas pelo deserto não tem intenção de alimentá-los. Parece mesmo um princípio governamental permiti-los morrer de fome” (SHIRINIAN, 2017, p. 17, tradução nossa). Diferentemente dos exemplos apresentados anteriormente, o uso nesse caso da fome não representou uma opção estratégica de uma força militar em um conflito para alcançar outro fim, mas sim um instrumento para o extermínio mesmo de uma população. Assim, a fome é um instrumento político não só em conflitos armados, como também em políticas de genocídio.

Já na Segunda Guerra Mundial, a Ocupação Nazista da Ucrânia também fez uso da fome como meio de ganhar vantagens no conflito. No caso, a administração nazista do país tomou conta de sua produção agrícola, estabelecendo uma hierarquia na distribuição de alimentos, primeiro direcionados às forças militares no território inimigo; segundo, às forças militares estacionadas na Alemanha; terceiro, à população civil alemã; e, por último, para a população civil dos territórios ocupados (LYSENKO; ZABOLOTNA; MAIEVS'KYI, 2021). Dessa forma, a oferta de alimentos para as populações ocupadas se tornou ínfima e elas foram submetidas à fome. Os objetivos principais de tais políticas dos nazistas eram três: i) obter um suprimento recorrente de alimentos para a Alemanha; ii) despoupar a região para a futura colonização alemã (LYSENKO; ZABOLOTNA; MAIEVS'KYI, 2021); e iii) cortar a produção de alimentos da URSS e prejudicar seu esforço industrial de guerra (SHIRINIAN, 2017).

Tanto o segundo, como o terceiro objetivos acima demonstram o uso da instrumentalização política da fome na ocupação, como meio para um genocídio e como estratégia de guerra. Este último aspecto é bem ilustrado pelo discurso do marechal nazista Karl Rudolf Gerd von Rundstedt, feito à Academia de Guerra do Reich, em Berlim, em 1943:

“Um dos grandes erros de 1918 foi poupar a vida civil dos países inimigos, pois é necessário que nós alemães sejamos sempre pelo menos o dobro do número de pessoas dos países

contíguos. Somos assim obrigados a destruir pelo menos um terço de seus habitantes. O único meio de fazê-lo é **através de uma desalimentação organizada**, que, nesse caso, é melhor que metralhadoras” (SHIRINIAN, 2017, p. 10, tradução e grifo nossos).

O século XXI, já abarcado normativamente pelas Convenções de Genebra, tampouco superou a instrumentalização da fome em conflitos. Na Guerra Civil da Síria, tanto o governo de Bashar al-Assad, como grupos armados não-convencionais foram acusados de fazer uso da fome como instrumento de guerra e realizar prolongados cercos em áreas civis (AMNESTY INTERNATIONAL, 2016). Um caso emblemático disso foi o cerco promovido pelo governo sírio contra três cidades pró-oposição, Bebila, Beit Sahem e Yelda, onde as forças do exército impediram a entrada de ajuda humanitária enquanto as cidades estivessem do lado das forças rebeldes. Assim, apenas quando as três cidades concordaram com uma trégua, o governo permitiu a entrada de suprimentos e comida, tendo utilizado o acesso a alimentação e remédios como ferramenta de barganha (MARTÍNEZ; ENG, 2016).

Já na Guerra do Iêmen, a coalizão liderada pelos sauditas adotou como uma de suas estratégias no conflito contra os houthis a privação ao acesso à comida, como ilustrado por suas ações como i) ataques a instalações de produção e distribuição de alimentos desde agosto de 2015, incluindo tanto a produção agropecuária como a indústria pesqueira; ii) ataques contra locais de comércio e áreas manufatureiras, promovendo uma disrupção do comércio de alimentos, assim como seu encarecimento; e iii) bloqueio do acesso do país à ajuda humanitária, através tanto de um bloqueio naval, como o bombardeio de importantes portos, com destaque ao porto de Hudaydah, que recebia sozinho 85% do auxílio internacional (EKSTRÖM, 2020).

Em suma, tanto o século XX, como o século XXI presenciaram eventos em que a fome foi instrumentalizada politicamente para atingir objetivos em conflitos armados e em políticas de extermínio. Dessa forma, entendemos que a lógica do cerco e do uso político da fome não é algo do passado, mas sim algo ainda presente no fazer da guerra. Vamos agora avaliar se o caso de Gaza também pode ser incluído na vasta lista de exemplos em que essa prática se fez presente.

INSEGURANÇA ALIMENTAR EM GAZA

Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, em inglês), uma pessoa está em situação de insegurança alimentar quando não tem acesso regular a alimentos seguros e nutritivos suficientes para o crescimento e desenvolvimento normais e

uma vida ativa e saudável (FAO, 2024). Uma causa comum é a perpetuação de conflitos armados: o Programa Mundial de Alimentos aponta que 70% dos casos de insegurança alimentar grave no mundo se manifestam em áreas afetadas pela guerra e pela violência, como é o caso de Gaza (WFP, 2024a). Outros fatores são a crise climática, o aumento do preço dos fertilizantes e a redução no financiamento de agências humanitárias voltadas para a promoção de segurança alimentar (WFP, 2024a).

A insegurança alimentar pode ser vivenciada em diferentes níveis de gravidade. O Programa Mundial de Alimentos utiliza a Classificação Integrada de Fases de Segurança Alimentar (IPC) como padrão global para analisar a situação de insegurança alimentar de cada região (WFP, 2024b) (ver box 2).

BOX 2

Fases da Insegurança Alimentar (IPC)

Fase 1: nível mínimo de insegurança alimentar, onde os agregados familiares são capazes de satisfazer as necessidades alimentares e não alimentares sem recorrer a estratégias atípicas para adquirir alimentos e outros produtos (IPC, 2021);

Fase 2: nível “estressado” de insegurança alimentar, de modo que as famílias conseguem consumir alimentos minimamente adequados mas são incapazes de suportar algumas despesas não alimentares essenciais sem recorrer a mecanismos de enfrentamento ao estresse (IPC, 2021);

Fase 3: nível crítico de insegurança alimentar, onde famílias apresentam lacunas de consumo alimentar que se refletem em desnutrição elevada ou acima do habitual ou são marginalmente capazes de satisfazer as necessidades alimentares mínimas, mas apenas esgotando os bens essenciais de subsistência ou através de estratégias de enfrentamento de crises (IPC, 2021);

Fase 4: nível de emergência, onde os agregados familiares possuem grandes lacunas de consumo alimentar, que se refletem em desnutrição aguda muito alta e excesso de mortalidade. Também entram nessa categoria aqueles que são capazes de mitigar grandes lacunas de consumo de alimentos, mas apenas empregando estratégias emergenciais de subsistência e liquidação de seus ativos (IPC, 2021);

Fase 5: nível catastrófico da insegurança alimentar, também chamado de fome - ou seja, quando há números expressivos de desnutrição aguda e mortalidade. São incluídos nessa categoria as famílias que apresentam extrema carência de alimentos e outras necessidades básicas, mesmo após o pleno emprego das estratégias de enfrentamento. Quando áreas se encontram na Fase 5, fome, morte, miséria e níveis extremamente críticos de desnutrição aguda são evidentes (IPC, 2021).

Apesar das inúmeras tentativas da comunidade internacional de lidar com a insegurança alimentar, como estabelecido, por exemplo, pelo ODS 2, que visa acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável, na região o número de pessoas com fome aguda continua a aumentar: mais de 42,3 milhões de pessoas enfrentam a Fase 4 de insegurança alimentar, enquanto mais de 1,1 milhão de pessoas estão sob a Fase 5, principalmente em Gaza (WFP, 2024a).

ANÁLISE DO CASO DE GAZA

SITUAÇÃO PRÉ-OUTUBRO DE 2023

A situação de insegurança alimentar no território palestino não começou com os desdobramentos do ataque terrorista do Hamas contra cidades israelenses em 2023. Em 2006, o Hamas se envolveu no processo político palestino vencendo as eleições legislativas, e reforçou seu poder no ano seguinte ao derrubar o movimento rival Fatah, do presidente da Autoridade Nacional Palestina. O Hamas, ao expulsar de Gaza as forças leais ao grupo Fatah, levou Israel a ampliar seu bloqueio ao território, tendo em vista que parte dessas forças de saída haviam assinado acordos de paz com Israel (BBC NEWS BRASIL, 2021). Assim, desde 2007, Gaza tem enfrentado um bloqueio liderado por Israel que impõe significativas restrições ao fluxo de bens, pessoas e recursos tanto para dentro, quanto para fora do território, incluindo alimentos e insumos agrícolas (ZURAYK, 2012). O Estado israelense justifica o bloqueio como uma medida necessária para evitar que armamentos alcancem o Hamas e outros grupos paramilitares da região, todavia, organizações como o Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (OHCHR, em inglês) apontaram que desde 2007 já havia preocupações em relação aos diversos episódios de destruição de locais de produção e distribuição de alimentos em Gaza, como supermercados e campos agrícolas, denotando no mínimo negligência por parte das forças israelenses (BUHEJI; HASAN, 2024).

Para além dos ataques aos depósitos de alimentos em Gaza, a destruição da terra palestina e das fontes de recurso hídrico também contribuem historicamente para o agravamento da insegurança alimentar. A Palestina possui solos férteis, grandes aquíferos de água e condições climáticas favoráveis ao cultivo, de modo que a agricultura da região pode ser bem-sucedida e vital para a sobrevivência dos moradores de Gaza. Porém, os extensos conflitos na região contribuíram para a destruição das terras e das fontes de água, elementos

essenciais para uma sociedade agrícola, o que, conseqüentemente, causou escassez de alimentos e crises de insegurança alimentar (BUHEJI; HASAN, 2024). Em 2012, por exemplo, 90% do aquífero costeiro sob Gaza estava poluído devido ao vazamento de esgoto de edifícios bombardeados por ataques aéreos israelenses (ZURAYK, 2024).

Em 2011, quatro anos após o bloqueio israelense à Gaza, o Programa Mundial de Alimentos e a FAO avaliaram a situação de insegurança alimentar da região, chegando à conclusão de que cerca de 50% das famílias sofriam de insegurança alimentar crônica (ZURAYK, 2024).

Seis décadas de instabilidade política, quatro anos de bloqueio e destruição majoritária de propriedade pública e privada durante confrontos militares levaram à desintegração da economia produtiva na Faixa de Gaza. Cerca de 50% da população em Gaza não consegue atingir suas demandas diárias de comida sem apoio por conta de poucas oportunidades de emprego, baixa renda e acesso econômico à comida limitado. Apesar de um relaxamento parcial nas restrições de importação desde junho de 2010, um banimento continuado sobre exportações e algumas importações têm dificultado sua recuperação e melhora em 2011, e níveis de insegurança alimentar devem continuar a persistir durante 2012 (WFP, 2011, p. 1, tradução nossa).

A Operação Margem Protetora intensificou os conflitos em Gaza desde 2014. Após o Hamas sequestrar três adolescentes israelenses, as Forças Armadas de Israel lançaram uma campanha militar contra a Faixa de Gaza, sendo considerada a mais letal desde 2008 até 2023: 2251 palestinos foram mortos, sendo 551 crianças e 299 mulheres (UNOCHA, 2015). Segundo o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, a taxa de insegurança alimentar em Gaza em 2014 foi de 59%, tendo o aumento de 9% em relação aos dados de 2011 (UNOCHA, 2018).

Já em 2018, em dados presentes no Socio-Economic and Food Security Survey, foi identificado que o nível de insegurança alimentar à época aumentara expressivamente: cerca de 1.4 milhão (FOOD SECURITY CLUSTER, 2020, p. 23) dos 1.9 milhão de palestinos em Gaza (FOOD SECURITY CLUSTER, 2020, p. 13) estavam sofrendo algum nível de insegurança alimentar, correspondendo a cerca de 75% da população de Gaza. Na época, a intensificação dos conflitos desde 2014 na Faixa de Gaza, assim como o estreitamento do bloqueio, foram apontados como grandes responsáveis por esse aumento.

De 2018 até o início de 2021 o percentual de famílias em insegurança alimentar moderada ou severa variou de 60% para 64%, devido às restrições sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19, conseqüências do conflito e dificuldades econômicas (FSIN AND GLOBAL NETWORK AGAINST FOOD CRISES, 2022, p. 178). Com uma escalada da violência em junho de 2022, 1.19 milhão de pessoas na Faixa de Gaza estavam sofrendo de

insegurança alimentar, correspondendo a 53% da população (FSIN AND GLOBAL NETWORK AGAINST FOOD CRISES, 2023, p. 128).

SITUAÇÃO PÓS-OUTUBRO DE 2023

Uma série de ataques coordenados contra Israel pelo Hamas, oficialmente conhecido como Movimento de Resistência Islâmica, deram início ao conflito em Gaza, em outubro de 2023. A resposta de Israel aos ataques, entretanto, tem sido considerada gravemente desproporcional por diversas agências de direitos humanos: o alto comissário Volker Turk do Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos denunciou o uso de força letal desnecessária e desproporcional no conflito por parte das Forças de Defesa de Israel (FARGE, 2024). Os casos estudados pelo Alto Comissário revelaram inclusive o impedimento de ajuda médica e humanitária para os civis atingidos pelo conflito (FARGE, 2024). Como uma parte importante da ajuda humanitária consiste no fornecimento de comida, sua restrição pode levar ao aumento da insegurança alimentar. Em março de 2024, Carl Skau, vice-diretor executivo do Programa Mundial de Alimentos (WFP, em inglês), alertou que o programa e seus parceiros tinham “suprimentos de comida prontos, na fronteira e na região, para alimentar as 2.2 milhões de pessoas espalhadas por Gaza – mas mover comida para e por Gaza é como tentar andar em um labirinto, com obstáculos a cada volta” (WFP, 2024c, tradução nossa).

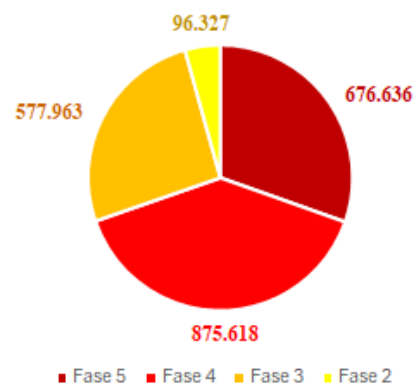
Além disso, a destruição da infraestrutura hídrica e agrícola na faixa de Gaza também pode ser entendida como um potencial intensificador da fome na região. O percentual de terras agricultáveis danificadas aumentou de **13% para 57%** entre novembro de 2023 e maio de 2024 (IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024b), de forma que a produção interna de alimentos foi gravemente prejudicada. De forma complementar, a danificação de 323 instalações de tratamento da água e higiene até maio de 2024, representando um aumento de 23% em relação a fevereiro (IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024b), também prejudica a produção de alimentos. Uma pesquisa de maio de 2024 feita pela Ação Contra a Fome em Gaza apontou que 98% dos fazendeiros consultados identificaram a qualidade da água como um dos grandes problemas de irrigação que enfrentam (IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024b).

A Sociedade do Crescente Vermelho Palestino (SCVP), voltada para ajuda humanitária na Faixa de Gaza, Cisjordânia e a parte leste de Jerusalém, notificou diversas violações às leis internacionais relacionadas a ajuda humanitária, como proibição e restrição de acesso de funcionários e suprimentos da SCVP para os civis e destruição de ambulâncias,

hospitais e outras infraestruturas documentadas da organização (PALESTINE RED CRESCENT SOCIETY, 2024). Além disso, até 15 de janeiro de 2024, oito paramédicos da SCVP foram mortos como resultado de ataques das forças israelenses (PALESTINE RED CRESCENT SOCIETY, 2024). Ademais, durante os seis meses subsequentes ao ataque do Hamas a Israel, registros de segurança documentaram a morte de 197 trabalhadores humanitários da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA, 2024). Adicionalmente, o OHCHR, em 16 de julho de 2024, fez uma declaração denunciando a morte de 500 profissionais da saúde (OHCHR, 2024). O ataque a profissionais de saúde, que tratam também de pacientes que sofrem por conta dos efeitos da insegurança alimentar, pode levar a um aumento do número de mortes relacionadas à fome e desnutrição.

Tratando especificamente da insegurança alimentar, a IPC Global Initiative lançou um informe especial sobre a situação na Faixa de Gaza, apontando que toda a população da região está em um dos níveis do IPC (IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024a). O que os informes do começo e do final do primeiro semestre de 2024 nos mostram é como o conflito levou a um aumento gritante da insegurança alimentar em Gaza:

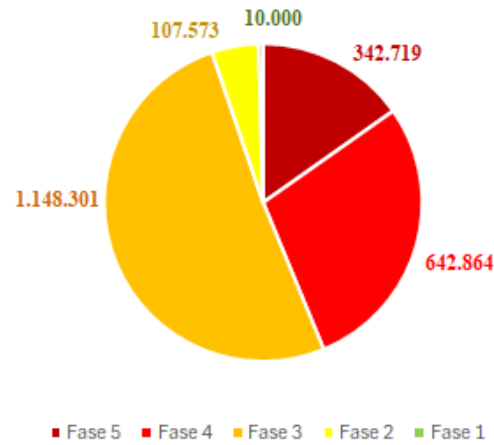
FIGURA 4 - Pessoas em Insegurança Alimentar na Faixa de Gaza (15 fev. - 15 mar. 2024)



Fonte: Elaboração própria com base em IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024a, p. 4.

Como os dados apontam, a maioria da população de Gaza estava, em março de 2024, na Fase 4 do IPC, no **nível de emergência**, com cerca de 95% da população na Fase 3 para cima. Já no informe mais recente, lançado em julho de 2024 (IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024b), houve uma redistribuição das pessoas pelos níveis, com ainda cerca de 95% da população na Fase 3 para cima, com a maior parte na Fase 3, o **nível crítico de insegurança alimentar**, como podemos ver no gráfico abaixo:

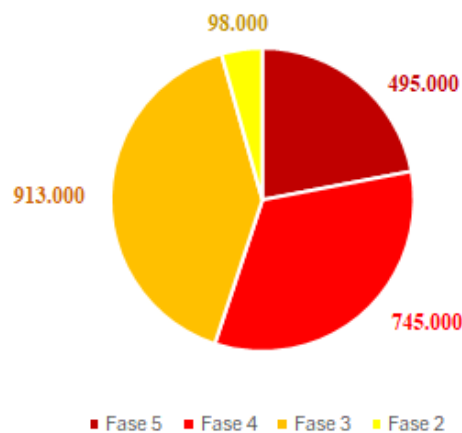
FIGURA 5 - Pessoas em Insegurança Alimentar na Faixa de Gaza (01 mai. - 15 jun. 2024)



Fonte: Elaboração própria com base em IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024b, p. 3.

Houve uma parcela da população que conseguiu voltar para a Fase 1 do IPC, o nível mínimo da Insegurança Alimentar, que correspondeu a cerca de 10.000 palestinos localizados em Rafah (IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024b, p. 3). Com a ofensiva terrestre em Rafah é possível se imaginar que os números possam ter piorado, mas a coleta de dados da região se tornou impossibilitada desde 05 de maio de 2024, devido à ação militar (IPC FRC, 2024). Todas as regiões analisadas permaneceram na classificação IPC 4, e projeções até 30 de setembro de 2024 apontam para uma nova piora em relação aos números da primeira metade de junho (IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024b, p. 1), como se vê no gráfico a seguir.

FIGURA 6 - Projeção Insegurança Alimentar na Faixa de Gaza (16 jun. - 30 sep. 2024)



Fonte: Elaboração própria com base em IPC GLOBAL INITIATIVE, 2024b, p. 1.

A partir desses dados, constata-se como a situação da segurança alimentar na Faixa de Gaza é gravíssima. Tendo em mente o histórico de bloqueios e ataques contra ações de ajuda humanitária, além da destruição de terras produtivas e instalações de tratamento da água, *questiona-se se há uma instrumentalização da fome no conflito em Gaza.*

A lógica da instrumentalização parece estar presente na mensagem que o Ministro de Segurança de Israel, Itamar Ben-Gvir, publicou na rede social X/Twitter, dias após os ataques do Hamas de 7 de outubro, afirmando que “(e)nquanto o Hamas não libertar os reféns em suas mãos – a única coisa que precisa entrar em Gaza são centenas de toneladas de explosivos da Força Aérea, nem um grama de ajuda humanitária” (AMNESTY INTERNATIONAL, 2023, tradução nossa). A fala ilustra a lógica do uso da privação do acesso a meios de subsistência como ferramenta de barganha política, uma noção estratégica análoga à apontada por Clausewitz: submeter o inimigo à fome para forçá-lo a ceder.

ESTUDO DE CASO: A AJUDA HUMANITÁRIA EM GAZA

A experiência de campo de organizações de ajuda humanitária, como o Médico sem Fronteiras, pode nos auxiliar a esclarecer ainda mais o cenário apresentado. Baseamo-nos em relatos em primeira mão de um funcionário do Médico Sem Fronteiras que tem atuado na Palestina. O funcionário decidiu manter anonimato¹.

A atuação da organização na região não é nova, tendo se iniciado em 1989, com iniciativas de *capacity building* junto ao Ministério da Saúde de Gaza e projetos de atendimento para saúde mental. Segundo o relato do funcionário do MSF, a organização possui uma longa experiência em atender beneficiários sofrendo de desnutrição, cujo tratamento envolve tanto a oferta de alimentos especiais, hipercalóricos, desenvolvidos justamente para pacientes em desnutrição, como o acompanhamento médico necessário para observar a evolução do quadro.

No entanto, desde o início do conflito, o MSF foi impedido de continuar provendo tais serviços por conta das restrições impostas pelas Forças de Defesa de Israel, além das restrições feitas à entrada de materiais de ajuda humanitária em Gaza e a destruição das estruturas de saúde. Ainda assim, o MSF se adaptou ao contexto, estabelecendo clínicas móveis de assistência primária na parte sul da Faixa de Gaza, e deu suporte com pessoal e materiais para os hospitais do Ministério da Saúde de Gaza que conseguiram permanecer operando em alguma capacidade.

¹ Entrevista realizada por Lucas Dias Brito e Sofia Eller Lopes Ferreira, no dia 25 de junho de 2024, via mensagens de texto.

Para além da experiência de campo do funcionário, o pronunciamento do Secretário-Geral do MSF, Christopher Lockyear, ao Conselho de Segurança da ONU em fevereiro de 2024 apresentou outras questões que a organização presenciou em sua atuação na região (MSF, 2024). Segundo Lockyear,

[i]sto tudo é extremamente familiar – forças israelenses atacaram nossos comboios, detiveram nossos funcionários e destruíram nossos veículos com tratores, e hospitais foram bombardeados e invadidos. Agora, pela segunda vez, um dos abrigos onde estavam nossos funcionários foi atingido. **Ou este padrão de ataques é intencional ou é um indicativo de incompetência negligente** (MSF, 2024, grifo nosso).

Assim, pela situação vivenciada pela organização durante o conflito, fica claro como a ajuda humanitária se tornou um dos alvos da ação militar israelense, com altos indícios de que tal padrão de ataques seja intencional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo com esse artigo foi analisar o fenômeno da instrumentalização da fome em conflitos, apoiando-nos em ocorrências históricas para refletir sobre o conflito em Gaza. A partir do estudo do conflito em Gaza deflagrado em 2023, identificamos um aumento do nível da insegurança alimentar na região, que passou de cerca de 53% da população em 2022 para cerca de 95% em junho de 2024, como apontamos. As ações do Estado de Israel também contribuíram para a formação de um quadro que aponta para o uso da fome como meio de guerra, com o aumento de terras agricultáveis danificadas com o decorrer do conflito, a destruição de instalações de tratamento da água, a restrição à entrada e distribuição de ajuda humanitária e o ataque direcionado a profissionais e instalações de saúde, como do MSF, mas também de outras organizações atuantes em Gaza. Declarações de membros da atual administração israelense, como o exemplo supracitado do Ministro de Segurança de Israel, dão mais apoio para a noção de que a privação da população de Gaza a insumos básicos para sua sobrevivência está sendo instrumentalizada como meio de conquistar objetivos na guerra.

Com isso, o baixo grau de efetividade da ajuda humanitária em Gaza não pode ser atribuído a um elemento meramente acidental do conflito, mas parece ser consequência de uma política de guerra contra o Hamas. Apenas uma alteração da política de Israel quanto ao bloqueio na Faixa de Gaza tornaria possível uma melhora significativa nesse cenário. Não

podemos deixar de lembrar que as Convenções de Genebra proíbem o uso da fome em conflitos armados, de forma que as instituições internacionais competentes devem investigar a possível instrumentalização em curso e, agindo em conformidade com as evidências, considerar sanções ao Estado de Israel por violações do direito internacional.

REFERÊNCIAS

AMNESTY INTERNATIONAL. **‘In Madaya you see walking skeletons’: Harrowing accounts of life under siege in Syria.** 08 jun. 2016. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/press-release/2016/01/harrowing-accounts-of-life-under-siege-in-syria/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

AMNESTY INTERNATIONAL. **Global: Social media companies must step up crisis response on Israel-Palestine as online hate and censorship proliferate.** 27 out. 2023 Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2023/10/global-social-media-companies-must-step-up-crisis-response-on-israel-palestine-as-online-hate-and-censorship-proliferate/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BBC NEWS BRASIL. Hamas: o que é o grupo palestino que enfrenta Israel. **BBC News Brasil**, São Paulo, p. 1-1, 14 maio de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57114157>. Acesso em: 27 jun. 2024.

BELLANGÉ, Hippolyte. **Battle Scene (Waterloo).** 1815-66. Caneta e tinta marrom, lavagem marrom e cinza, aquarela e guache, com toques de giz preto, 28.5 x 56.2 cm. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/334433>. Acesso em: 18 jul. 2024.

BUHEJI, Mohamed; HASAN, Aamir. Beyond Famine and Chaos—Case of Gaza. **International Journal of Management (IJM)**, 2024.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **On War.** Tradução para o inglês de Michael Howard e Peter Paret. Princeton University Press, Revised Ed., 1989.

CREDO JR, Brian V. Food, Expulsion, and the Polis in Aristophanes' 'Birds'. **Frammenti sulla Scena (online)**, n. 1 (2), 31 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.13135/2612-3908/5704>. Acesso em: 17 jun. 2024.

EKSTRÖM, Joel. Food as a Weapon in Yemen-The targeting of food security in a New War. **Statsvetenskapliga institutionen**, Lunds universitet, 2020.

FARGE, Emma. ONU critica Israel por morte de 500 palestinos na Cisjordânia. **CNN Brasil**, Geneva, p. 1-1, 4 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/onu-critica-israel-por-morte-de-500-palestinos-na-cisjordania/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FEENBERG, Andrew. Critical theory of technology: An overview. **Information technology in librarianship: New critical approaches**, p. 31-46, 2008.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **Hunger and food insecurity**. Roma, 2024. Disponível em: <https://www.fao.org/hunger/en/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FOOD SECURITY CLUSTER. **Socio-Economic & Food Security Survey 2018 (SEFsec 2018)**. 14 dez. 2020. Disponível em: <https://fscluster.org/state-of-palestine/document/socio-economic-food-security-survey-2018>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FSIN AND GLOBAL NETWORK AGAINST FOOD CRISES. **Global Report on Food Crises - 2022**. Roma, 04 mai. 2022. Disponível em: <https://www.wfp.org/publications/global-report-food-crises-2022>. Acesso em: 23 jul. 2024.

FSIN AND GLOBAL NETWORK AGAINST FOOD CRISES. **Global Report on Food Crises - 2023**. Roma, 02 mai. 2023. Disponível em: <https://www.fsinplatform.org/global-report-food-crises-2023>. Acesso em: 23 jul. 2024

GESLEY, Jenny. The 'Lieber Code' – the First Modern Codification of the Laws of War. **Library of Congress Blogs**, 24 abr. 2018. Disponível em:

<https://blogs.loc.gov/law/2018/04/the-lieber-code-the-first-modern-codification-of-the-laws-of-war/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS. **Protocol Additional to the Geneva Conventions of 12 August 1949, and relating to the Protection of Victims of International Armed Conflicts (Protocol I)**. 7 de junho de 1977. Acesso em: 20 jul. 2024.

INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION. **Understanding the IPC Scales**. Roma, 2021. Disponível em: https://www.ipcinfo.org/fileadmin/user_upload/ipcinfo/docs/communication_tools/brochures/IPC_Brochure_Understanding_the_IPC_Scales.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

IPC FRC. **Famine Review Committee: Gaza Strip, June 2024**. 25 jun. 2024. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/ipc-famine-third-review-report-25jun24/>. Acesso em: 20 jul. 2024

IPC GLOBAL INITIATIVE. **IPC Gaza Strip Acute Food Insecurity Feb July2024 Special Brief**. 18 mar. 2024a. Disponível em: <https://www.ipcinfo.org/ipcinfo-website/alerts-archive/issue-97/en/>. Acesso em: 18 jun 2024.

IPC GLOBAL INITIATIVE. **IPC Gaza Strip Acute Food Insecurity Jun Sept2024 Special Brief**. 10 jul. 2024b. Disponível em: <https://www.ipcinfo.org/ipcinfo-website/countries-in-focus-archive/issue-105/en/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

LYSENKO, Oleksandr; ZABOLOTNA, Tetiana; MAIEVS'KYI, Oleksandr. Famine As an Instrument of Nazi Occupation Policy in Ukraine, 1941-44. **East/West**, v. 8, n. 1, p. 217-230, 2021.

MARTÍNEZ, José Ciro; ENG, Brent. The unintended consequences of emergency food aid: neutrality, sovereignty and politics in the Syrian civil war, 2012–15. **International Affairs**, v. 92, n. 1, p. 153-173, 2016.

MSF. **Pronunciamento do secretário-geral de MSF, Christopher Lockyear, ao Conselho de Segurança da ONU.** 22 fev. 2024. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/pronunciamento-do-secretario-geral-de-msf-christopher-lockyear-ao-conselho-de-seguranca-da-onu/>. Acesso em: 08 jul. 2024.

OHCHR. **Statement on the killing and arbitrary detention of health workers in Gaza.** Ramallah, 25 jun. 2024. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/statement-gaza-ohchr-25jun24/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

PALESTINE RED CRESCENT SOCIETY. **Palestine Red Crescent Society Response Report As of Saturday, October 7 th 2023, 18:00 PM until Monday, January 15, 2024, 24:00 AM.** Palestina, 2024. Disponível em: <https://www.palestinercs.org/public/files/image/2024/latestResponse/en%20279%202024.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SCHÄUFELEIN, Hans. **Representatives of Athens and Corinth at the Court of Archidamas, King of Sparta, from the History of the Peloponnesian War by Thucydides.** 1533. Gravura em madeira, 10 x 9 cm. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/669401>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SHARP, Heather. Entenda como funciona o bloqueio à Faixa de Gaza. **BBC News,** Jerusalém, p. 1-1, 31 maio 2010. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/05/100531_entendabloqueiogaza_ji. Acesso em: 27 jun. 2024.

SHIRINIAN, George N. Starvation and Its Political Use in the Armenian Genocide. **Genocide Studies International**, v. 11, n. 1, p. 8-37, 2017.

TUCÍDIDES. **A História da Guerra do Peloponeso.** Tradução Mário da Gama Kury. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1987.

UN PRESS. **Press Statement on Humanitarian Workers and Threat of Famine in Gaza.** United Nations Meetings Coverage and Press Releases, SC/15658, 11 abr. 2024. Disponível em: <https://press.un.org/en/2024/sc15658.doc.htm>. Acesso em: 20 jul. 2024.

UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS. Food insecurity in the oPt: 1.3 million Palestinians in the Gaza strip are food insecure. **United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs**, Geneva, p. 1-1, 14 dez. 2018. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/food-insecurity-opt-13-million-palestinians-gaza-strip-are-food-insecure>. Acesso em: 27 jun. 2024.

UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS. Key figures on the 2014 hostilities. **United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs**, Geneva, p. 1-1, 23 jun. 2015. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/key-figures-2014-hostilities>. Acesso em: 27 jun. 2024.

UNRWA. **UNRWA Situation Report #121 on the situation in the Gaza Strip and the West Bank, including East Jerusalem.** 16 jul. 2024. Disponível em: https://www.unrwa.org/resources/reports/unrwa-situation-report-121-situation-gaza-strip-and-west-bank-including-east-Jerusalem?__cf_chl_tk=Ss1DOSbFTsAKaLoe0MSQft5TLpKzSs0BMy5SRHjsfAI-1721759346-0.0.1.1-4799. Acesso em: 23 jul. 2024.

WORLD FOOD PROGRAM. **EMERGENCY OPERATION OCCUPIED PALESTINIAN TERRITORY 200298.** Roma, 2011. Disponível em: https://one.wfp.org/operations/current_operations/project_docs/200298.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024

WORLD FOOD PROGRAM. **A global food crisis.** Roma, 2024a. Disponível em: <https://www.wfp.org/global-hunger-crisis>. Acesso em: 18 jun. 2024.66WO6665

WORLD FOOD PROGRAM. **The 5 steps from food security to famine.** Roma, 18 mar. 2024b. Disponível em: <https://www.wfp.org/stories/5-steps-food-security-famine>. Acesso em: 18 jun. 2024.

WORLD FOOD PROGRAM. **Famine imminent in northern Gaza, new report warns**. 18 mar. 2024c. Disponível em: <https://www.wfp.org/news/famine-imminent-northern-gaza-new-report-warns>. Acesso em: 23 jul. 2024.

ZURAYK, Rami et al. Food security challenges and innovation: The case of Gaza. In: **High Level Forum on Food Insecurity in Protracted Crises**. Rome, 2012, p. 1-20.